Para todos nós, que aprendemos a viver com as cicatrizes.

NOTA DA AUTORA

ACERCA DO LUTO NA ADOLESCÊNCIA...

Aos 16 anos, o meu luto não foi feito de lágrimas nem de palavras. Foi feito de silêncios que eram gritos fundos de revolta e aversão à condescendência.

Nunca disse a ninguém que, quando não me atendiam o telefone ou se atrasavam para um encontro, hiperventilava até ficar com os dedos das mãos dormentes. Em vez disso, aprendi a disfarçá-lo quase na perfeição, enquanto na minha mente desfilavam imagens das tragédias mortais que poderiam ter acontecido.

Nunca disse a ninguém que a dor da perda era a primeira coisa que sentia ao acordar e a última de que me lembrava antes de adormecer.

Poderia falar-vos sobre tudo isso, mas prefiro escrever-vos uma história, a história da Julie Blue.

2013

REGRESSAR

DOMINGO, 1 DE SETEMBRO DE 2013

Passar por aquele lugar continuava a provocar-lhe um medo visceral, como se uma entidade pérfida, sua velha inimiga, habitasse no quilómetro seis daquela estrada vulgar, que descia a falésia e terminava na pequena cidade piscatória de Almira, trinta quilómetros a norte de Sines. O lugar onde Júlia crescera e que abandonara oito anos antes sem olhar para trás.

Assim que ultrapassou o local que a atemorizava, libertou a mão direita que estava contraída em redor do volante e acariciou o antebraço da mulher sentada ao seu lado.

Esperou que ela reagisse ao gesto, olhou-a de relance e dirigiu-lhe um sorriso breve, pleno de afeto e gratidão.

— Obrigada por perderes o teu sábado para vires comigo, Cat.

A passageira fitou-a com um brilho benevolente e afetuoso nos olhos escuros, que tornava ainda mais bonito o seu rosto moreno anguloso.

— As primas são para as ocasiões, *Julie Blue*. — Retribuiu o sorriso antes de continuar, mais divertida e provocadora: — Além disso, tenho muito boas recordações da tua separação anterior. Foi uma época tão animada! Tenho tantas saudades das nossas borgas em Coimbra… Aquilo, sim, era aproveitar a vida.

A Júlia respondeu com uma pequena gargalhada, retirou a mão do braço da prima e fez-lhe um sinal discreto com o polegar na direção do banco de trás, lembrando-a de que deveria conter-se nos comentários, pois o mais provável era estarem a ser ouvidas com atenção pela terceira passageira, uma criança possuidora de um inesgotável interesse pelas conversas dos crescidos.

— Esquece as borgas. Agora, somos mulheres adultas e responsáveis.

A Catarina encolheu os ombros num gesto de resignação e revirou os olhos numa careta infantil.

— Crescer é uma armadilha… — Antes de acabar a frase, virou-se para trás e concluiu com uma careta bem-disposta. — Ser adulto não tem graça nenhuma, Sarinha, aproveita muito bem enquanto podes!

Passado pouco tempo, a Júlia parou o carro em frente ao portão de ferro forjado verde-escuro, que guardava a imponente vivenda branca com as janelas emolduradas a mármore e um campanário no telhado, na zona mais nobre da cidade. Esperou que o camião de mudanças que contratara as alcançasse e fez sinal ao condutor para estacionar à sua frente.

Logo a seguir, encarou a filha com uma expressão solene e encorajadora.

— Bem-vinda à tua nova casa!

A criança, que segurava no colo a caixa transportadora do seu cão *Sully*, um *yorkshire terrier* que o pai lhe oferecera seis meses antes, respondeu num tom áspero e com um trejeito desafiador:

— Esta casa não é nova, esta casa é velha. É a casa do avô Henrique e a nossa é muito melhor.

A mãe franziu-lhe ligeiramente o sobrolho, mas decidiu perdoar-lhe a impertinência e insistiu, condescendente:

— Não sejas assim. A casa é nova para ti porque nunca viveste cá. O avô está muito contente por virmos morar com ele e a Maria do Carmo deve ter feito arroz-doce, porque sabe que é a tua sobremesa preferida e quer agradar-te.

Assim que se apercebeu da chegada dos veículos, o recentemente reformado juiz Henrique Machado saiu de casa. Continuava a inspirar respeito, sempre com as costas muito direitas num porte aristocrático, os cabelos brancos curtos e impecavelmente vestido, de camisa branca imaculada e colete de malha sem mangas da *Paul & Shark*.

Abriu a porta traseira do carro e saudou carinhosamente a neta. Retirou-lhe a caixa do cão, que pousou no passeio, libertou-a do cinto e pegou-lhe ao colo com facilidade.

Quando a Júlia se aproximou de ambos, o juiz interrompeu os elogios ao tamanho e à beleza da «sua linda netinha» para encarar a filha, ansioso e com a testa franzida de preocupação.

— Está tudo bem, Júlia?

Ela fez o mesmo sorriso cordial que usara nas poucas vezes que se tinham cumprimentado no último ano e ofereceu-lhe a face para um beijo.

— Sim, pai, está tudo bem. Obrigada por nos receberes e teres arranjado espaço para as nossas coisas.

O juiz manteve a mesma expressão apreensiva. Recebera uma chamada na antevéspera, com um pedido irrecusável e sem as explicações necessárias que justificassem uma decisão tão radical. Acedera imediatamente e sem a questionar, não por falta de curiosidade, mas por receio de que a filha mudasse de ideias e ele voltasse a perdê-la.

No entanto, perante o facto consumado de a ver na sua entrada, carregada de bagagens, atreveu-se a forçar a conversa mais além.

— O que não me falta é espaço e gosto muito de vos ter comigo. Só não consigo compreender o que pretendes… — Pousou a neta no chão, para que ela libertasse o cãozinho e voltou a encarar a filha, esforçando-se por disfarçar a intranquilidade que o percorria e o instigava a tentar extrair-lhe mais informação. — Tu estás curada, Júlia… Por que motivo decidiste abandonar assim a tua carreira?

Ela fitou-o com uma expressão grave, que disfarçou de imediato ao notar que a filha também estava pendente da resposta. Fingiu-se descontraída e alegre, algo em que era bastante boa.

— Não quero viver para a carreira, pai. Desculpa, não herdei essa tua faceta.

O juiz ignorou a crítica implícita e pousou a mão direita no seu ombro, num gesto discreto, mas afetuoso.

— Uma coisa é não querer viver para a carreira, outra é desistir do emprego…

Ela ignorou a carícia, ocultou o desconforto e, pela filha, voltou à sua falsa atuação sorridente.

— A sério, pai? Queres ter essa conversa agora?

O juiz não respondeu, retirou a mão do ombro da filha e cumprimentou a sua sobrinha Catarina. A seguir, chamou a neta e encaminhou-a para o jardim.

A Júlia suspirou de alívio e foi ao encontro do responsável da empresa de mudanças. O único móvel que traziam com que realmente se preocupava e que teria de ser transportado com o máximo cuidado era a secretária antiga de mogno que fora da mãe. A restante carga era constituída por estantes, caixotes com livros, roupa, brinquedos da Sara e alguns objetos decorativos. Na realidade, durante os cinco anos de casamento, não se apegara a nada em especial…

Pediu que levassem a secretária para o seu antigo quarto e que deixassem o resto no *hall* de entrada onde houvesse espaço. Pegou no cinzeiro da mesa do jardim e chamou a prima com o assobio ciciado que só usavam uma para a outra, para dividirem um cigarro em frente ao portão.

A Catarina retirou o maço de *Marlboro* da mala e inquiriu-a num misto de reprovação e inquietude:

— Vais contar-me porque voltaste?

Antes de responder, a Júlia esperou que ela acendesse o cigarro.

— Já te disse várias vezes. Vou divorciar-me do Lourenço, pedi licença sem vencimento por um ano e dá-me jeito viver à custa do excelentíssimo senhor juiz Henrique.

Exibiu um sorriso trocista enquanto lhe expunha as suas razões, mas a sua ouvinte manteve-se impassível e nada convencida, forçando-a a mudar para uma abordagem dramática, que a chocasse e a distraísse da pergunta original.

— Não quero morrer em Lisboa. Quero morrer a ver o mar…

Não funcionou, porque elas eram melhores amigas desde que se lembravam de existir, tinham brincado ao elástico horas a fio, assaltado em equipa as nespereiras dos vizinhos e mentido em conjunto vezes sem conta sobre as esfoladelas nos joelhos daí resultantes.

— Tu não estás a morrer. Diz-me a verdade.

A Júlia fez uma expressão contrariada enquanto fitava a vivenda do outro lado da rua, com uma arquitetura apalaçada ostensiva e leões de granito nos pilares que ladeavam o portão.

— Tu sabes a verdade.

A Catarina inclinou a cabeça para trás e contemplou o céu salpicado de nuvens claras. Estava um lindo dia de setembro, ameno e sem vento.

— Isto tem tudo para correr mal.

A Júlia devolveu-lhe o cigarro. Prometera a si própria não fumar mais do que dois por dia e já tinham dividido um, pouco antes de saírem do seu antigo apartamento na Avenida de Roma.

— Eu sei.

A Catarina voltou a encará-la, com o rosto contraído num esgar de incompreensão.

— Então, porque estás a fazê-lo?

Ao mesmo tempo que a Júlia pensava que só à *sua* Catarina permitiria aquele interrogatório forçado, desejou que ela a deixasse em paz.

Preferia não pensar no assunto; quanto menos raciocinasse sobre a sua decisão, menores eram as probabilidades de se arrepender. Respirou fundo e atirou-lhe as palavras num murmúrio entredentes, azedo e desagradado:

— É mais forte que eu.

— Claro que não é, Júlia. Tu és a pessoa mais forte que conheço.

Ela quis ripostar que a força estava sobrevalorizada e a Catarina acrescentar que ainda estava a tempo de voltar atrás, mas foram interrompidas por uma voz grave e autoritária.

— Júlia e Catarina, têm a certeza de que esta é a altura ideal para encherem os pulmões com fumo cancerígeno ou acham que seria melhor orientarem os senhores das mudanças, que estão a deixar caixotes espalhados por todo o lado?

A Júlia respondeu prontamente e a disfarçar uma pontinha de prazer que a apanhou de surpresa. Quem diria que sentira saudades dos discursos moralistas do senhor juiz…

— Estou a ir, pai.

No momento em que passaram o portão, a Catarina apagou o cigarro a sussurrar para o cinzeiro:

— Continua chato como sempre!

A voz autoritária do juiz Henrique Machado soou nítida, sem que ele diminuísse a cadência dos passos com que atravessava o jardim em direção à porta da sua casa.

— Eu ouvi isso, Catarina. Felizmente, a minha audição também continua tão boa como sempre.

As duas mulheres riram-se baixinho, trocaram olhares cúmplices e sentiram-se outra vez pequenas ladras de fruta com os joelhos em carne viva.

Assim que entrou na casa, o cheiro forte de caldeirada misturado com resquícios do óleo de cedro que mantinha o aspeto cuidado dos louceiros e da grande mesa de madeira escura, transportou a Júlia até à sua infância. Foi um momento agridoce e breve, pois a Maria do Carmo, assim que se apercebeu da sua presença, saiu a correr da cozinha até que a alcançou.

Abraçou-a com força e deu-lhe vários beijos repenicados nas faces.

— Ai, que alegria, quem diria que a minha Julinha ia voltar para ao pé de mim! Ai, a minha querida menina!

Interrompeu a sua carinhosa lengalenga e afastou-se da *sua Julinha* com uma expressão comprometida, avaliando o estado do avental e também as reações dos presentes às suas efusivas demonstrações de contentamento, mas assim que notou que a sua *menina* voltava aos seus braços, reclamando por mais, acariciou-lhe as costas e murmurou-lhe todas as palavras doces que lhe vieram à mente sobre o quanto lhe queria bem.

A Sara ficou perplexa a contemplar a cena, até que a Júlia lhe pegou ao colo e a colocou no meio das duas, para que também tivesse direito aos beijos sonoros da Maria do Carmo, acompanhados de cócegas na barriga e a enumeração de todas as suas parecenças com a mãe.

— É como voltar ao passado e ver a minha Julinha outra vez.

A Sara ouvia-a com pouco entusiasmo, pois já sabia que herdara as feições e os cabelos louros ondulados da mãe. Estava muito mais interessada em como seria o seu novo quarto e pediu explicações à Maria do Carmo sobre a sua localização.

A Júlia regozijou-se interiormente pela curiosidade da filha; era um sinal de que afinal não estava tão contrariada com a mudança como dera a entender. Nos últimos dois dias, após lhe confirmar que a ida para a casa do avô era um facto consumado e irreversível, as birras tinham-se sucedido. Nessa mesma manhã, convencê-la a lavar os dentes e vestir-se fora um pequeno martírio…

— Assim que os senhores das mudanças se forem embora, vamos todos mostrar-te o teu quarto. Vais adorar! É o segundo maior e melhor da casa, logo a seguir ao do avô!

Meia hora depois, a Júlia rodou a maçaneta da porta do quarto que passaria a ser da filha e fez um gesto solene, convidando-a a ser a primeira a entrar. A menina riu-se, nervosa e ao mesmo tempo satisfeita por ser o centro das atenções. Indecisa, alternou o olhar entre os adultos antes de pegar na mão da Catarina, para que a acompanhasse a transpor a ombreira.

A Júlia seguiu atrás delas, bem-disposta, até olhar em volta e sentir uma pontada forte que lhe apertou o peito, que a levou a fazer uma expiração forçada como se alguém a tivesse atacado. Procurou o pai por um instante e, depois, forçou-se a desviar o olhar para as paredes cobertas de *posters* do Bryan Adams.

A garganta secou-lhe subitamente e sentiu o coração a latejar-lhe no pescoço, ao contemplar a cama de corpo e meio, com a colcha fofa às flores e a parte de cima da cabeceira de madeira branca forrada de fotografias coladas, a estante atulhada de fotocópias, os calhamaços de Anatomia e a coleção de *Pirilampos Mágicos*.

O quarto estava igual, nada mudara de lugar desde o dia em que lá entrara para escolher a roupa com que a irmã iria ser enterrada, dezassete anos antes.

Ao lembrar-se desse momento, desejou que o pai tivesse transformado o quarto num escritório ou noutra coisa qualquer, em vez daquela espécie de museu que parecia aguardar o regresso de alguém que nunca voltaria.

O juiz Henrique, por norma com um discurso firme e preciso, quebrou o silêncio com frases hesitantes:

— Há muito tempo que não entrava aqui… não precisava. Tenho muito espaço, acabo por usar apenas o andar de baixo e o meu quarto… Só a Maria do Carmo é que vem aqui limpar… Quando soube que vinhas com a Sarinha, pensei em tirar as coisas da tua irmã, mas depois achei que tu conhecerias melhor o significado destes objetos, o que valeria a pena guardarmos e o que poderíamos dar…

A Júlia refez-se, não lhe prestou muita atenção e avançou para o quadro de cortiça por cima da secretária, onde acabara de descobrir dois bilhetes do concerto dos Metallica, pregados com um pionés azul numa cartolina rosa-choque.

Prenda de aniversário para a mana rebelde.

Ela lembrava-se muito bem daquele concerto no Estádio de Alvalade; era uma das suas memórias mais felizes de antes do que lhes acontecera. Quem gostava de Metallica era a Júlia, mas a irmã levara-a para lhe fazer a vontade e oferecera-lhe uma *t-shirt* da digressão, e como a Júlia não era de guardar recordações, a Diana guardara os bilhetes pelas duas.

Acariciou os retângulos de cartão com os nomes das três bandas em letras prateadas e entoou-os baixinho só para si.

— Metallica, The Cult, Suicidal Tendencies… — A seguir, aumentou o tom de voz para que o pai a ouvisse, sem descolar os dedos dos preciosos bilhetes. — Fizeste bem em deixar como estava, pai. Há aqui coisas que quero guardar para mim…

A Sara, entretanto regressada com a Catarina da varanda que seria só dela, também se interessou pelos artigos expostos nas paredes. Puxou a mão do avô para lhe chamar à atenção e apontou para várias medalhas penduradas por cima da cama.

— Posso ver aqueles colares?

A Júlia apoiou os joelhos na cama e retirou-as do suporte, escolheu uma com a fita azul e verde, e colocou-a ao pescoço da filha.

— São medalhas de vólei. A tua tia Diana era uma craque, fazia um serviço em suspensão com uma técnica que ninguém conseguia defender. Foi campeã de juvenis da Zona Sul…

Os seus olhos verdes ficaram translúcidos e a Maria do Carmo interrompeu-a, para pedir a todos que descessem. O almoço estava pronto, a caldeirada fria ficava sem graça nenhuma e tinham a tarde toda para fazer arrumações…

THE ELEPHANT IN THE ROOM

5 DE SETEMBRO DE 2013

Era quinta-feira. A Catarina ficara no quarto de hóspedes para lhes fazer companhia até terça-feira à noite, mas precisara de regressar a Lisboa, devido a um compromisso de trabalho, relacionado com um projeto de transformação de uma fábrica de componentes elétricos num hotel, um grande investimento de um cliente, que não se podia dar ao luxo de perder nos tempos de crise que a arquitetura atravessava; caso contrário, teria ficado mais tempo para apoiar a Júlia nas arrumações e na organização de objetos plenos de simbologia.

Depois de jantar com o pai e a Maria do Carmo, que lhe dera um abraço apertado antes de sair para sua casa, a Júlia alcançou o seu livro e sentou-se ao lado da filha, semideitada no sofá grande de cabedal, onde lutava contra o sono para assistir aos desenhos animados no canal Panda.

Poucas páginas depois, a Sara dormia profundamente. O pai alertou-a para que lhe ajeitasse a cabecinha pendida e chamou-a com uma expressão acolhedora:

— Acompanhas-me neste vinho do Porto? É uma garrafa *Quinta do Noval* do ano em que nasceste. Sabes que eu ligo a estes pormenores.

A Júlia pressentiu uma armadilha, mas aceitou o convite. Voltou a ocupar a cadeira de espaldar de mogno a condizer com a mesa grande onde jantara, esperou que o pai lhe servisse o seu cálice e brindou com ele.

Trocaram opiniões sobre como a cidade se tinha modernizado e apostado no turismo nos últimos anos, como um amigo de infância da Júlia desbaratara todos os bens que recebera de herança, o melhor

colégio para a Sara e outras questões inócuas. Até que o imponente juiz finalmente ganhou coragem para a enfrentar, com um olhar circunspecto, mas amigável.

— Vamos falar sobre o elefante na sala?

A Júlia olhou em volta, antes de lhe responder com um meio sorriso:

— Suponho que não te refiras àquele elefante de madeira que a mãe virava com a cauda para a porta para dar sorte, e que obviamente não cumpriu a sua obrigação? Queres que o atire pela janela?

Ele esforçou-se para não se desviar do assunto nem perder a boa disposição.

— *The elephant in the room*. Sabes perfeitamente que me refiro à metáfora anglo-saxónica… Não me ligaste nenhuma nos últimos anos, soube do teu problema de saúde pela tua prima e, de repente, telefonas-me a perguntar se podes voltar para casa com a tua filha, sem dares nenhum motivo para uma decisão tão radical e intempestiva. Eu aceitei, apesar de não compreender porque abandonaste o teu marido e a tua carreira. Aceitei e estou feliz por estares aqui comigo, mas temos de ser honestos um com o outro.

A Júlia apoiou o cotovelo na mesa e a face na mão. Olhou-o em silêncio e teve a certeza de que ele nunca iria compreender os seus motivos; qualquer esforço para os explicar seria inglório, irrelevante e algo doloroso.

— Se não queres contar-me porque decidiste regressar a casa, posso ao menos saber a causa da tua irritação quando entraste no quarto da tua irmã? Podes parar de me votar à insignificância das conversas corriqueiras sobre quem põe a mesa e falar comigo sobre um assunto que importe? Não podes imaginar o cansado que estou, e o que me custa, ser uma carta fora do baralho na tua vida.

A Júlia esboçou um leve encolher de ombros, com o olhar fixo nas nervuras da mesa e sem o encarar.

— Não foi irritação. Só não esperava que estivesse tudo exatamente igual e fiquei surpreendida, foi só isso.

O juiz fitou-a com um semblante desiludido.

— Aprendeste a disfarçar muito bem as tuas emoções, é um facto, mas esqueceste-te de que te conheço desde o dia em que nasceste. — Fez uma pausa e terminou o seu vinho do Porto. — Então, vamos conti-

nuar sem falar sobre os elefantes na sala. Tenho muita pena, estava com esperança de que a maternidade te tivesse tornado mais compreensiva em relação às minhas imperfeições e pudesses dar-me uma oportunidade. Pelos vistos, enganei-me.

Um ano antes, ela não o teria dito, mas um evento transformador fizera-a tomar consciência de que asfixiar as palavras poderia significar que ficassem impronunciadas para sempre.

— Está bem. Vamos falar sobre assuntos que importam. Se fosse eu que tivesse morrido, manterias o meu quarto intocável durante dezassete anos, como se fosse uma espécie de museu?

O pai endireitou-se e pressionou as costas contra o espaldar da cadeira, atónito com a pergunta tão inesperada.

— Não estou a perceber-te…

A Júlia avançou o rosto na sua direção; era tarde para recuar e também não permitiria que ele o fizesse.

— Claro que estás a perceber-me.

Arrependeu-se da sua ousadia impulsiva quando viu o pai empalidecer e curvar-se para ela, como se a dor lhe invadisse o rosto e depois o corpo, deformando-o e envelhecendo-o. Imaginava-o sempre como o homem de porte atlético e altivo da sua adolescência, esquecendo-se de que ele estava próximo dos 70 anos.

— O que estás a insinuar é muito grave, filha…

A Júlia decidiu que aquele confronto seria infrutífero, não valia a pena nem iria mudar nada. Desistiu da sinceridade e adotou uma postura mais apaziguadora.

— Não é assim tão grave, mas se calhar é melhor deixarmos os elefantes sossegados. Há um motivo para as pessoas não falarem sobre eles. Os anglo-saxónicos são espertos.

A seguir, tentou dar por terminado aquele momento muito enervante, mas foi impedida de se levantar por um puxão na manga do casaco, que a obrigou a voltar ao seu lugar.

O pai encarou-a com uma expressão firme e falou-lhe com autoridade:

— O que estás a insinuar é muito grave, sim, mas não para ti. É grave para mim, enquanto pai. Nunca me perdoarei se alguma vez te fiz sentir que o meu desgosto seria diferente se fosses tu que tivesses morrido.

Ela abanou a cabeça, como se pudesse relativizar tudo o que fora dito.

— Não faz mal, pai. Eu sempre fui a rebelde, e a Diana, a boazinha querida, é compreensível… Eu própria também o pensaria no teu lugar. Mais vale assumir e pronto. A tua vida teria sido mais fácil se tivesse sido a Diana a sobrevi…

Calou-se quando o pai lhe agarrou nas duas mãos para as aprisionar no meio das dele, enrugadas e frias.

— Filha, nunca desejei tal. Conta-me o que poderei ter dito ou feito para me interpretares dessa maneira, que te garanto ser completamente errada!

Os olhos verdes da Júlia derramaram lágrimas grossas, que lhe rolaram pela face.

— Às vezes, não é o que se diz, pai. É o que se cala. E tu calavas muita coisa…

Ele impediu-a de libertar as mãos para limpar o rosto.

— Tens razão, eu reprimia muita coisa, mas nunca me passou pela cabeça que a minha vida seria mais fácil se tivesses morrido em vez da tua irmã, nunca. Nunca o pensei, nem por um segundo, mesmo quando me deixavas louco com as tuas asneiras. O que eu calava, entre outras coisas que se calhar nunca terei coragem de te dizer, é que desejava ter sido eu a partir com a tua mãe. Tenho a certeza de que a tua irmã, mesmo muito jovem, teria sido muito melhor do que eu a amparar-te no teu desgosto. Eu não aguentava ver o teu sofrimento, sentia-me culpado e impotente… Naquela época, afligia-me ao imaginar que não estaria à altura da tarefa, mas agora, ao descobrir que pensaste isso, tenho a certeza de que não estive. Desculpa, filha, ficaste sozinha no mundo com a pessoa menos apta para te ajudar.

Um sorriso ténue aflorou aos lábios da Júlia, infeliz, mas genuíno.

— Isso era algo que poderias ter-me dito. Teria sido bom saber que o teu problema era achares que não estavas à altura de me consolar…

O juiz apercebeu-se de que abrira uma brecha na armadura da filha, uma oportunidade rara que não poderia desperdiçar.

— Desejei muitas vezes trocar de lugar com a tua irmã, por ela que tinha uma vida inteira pela frente, mas também por ti, para te poupar à dor de a perderes…Eu agia daquela forma porque não queria de-

monstrar fraqueza ou que me julgasses um pai inapto. Tentei mostrar-me sempre forte, porque queria dar-te apoio e estabilidade, mas não soube chegar a ti… Ainda hoje não sei. Estou preocupado com o que pretendes com o teu regresso e quero ajudar-te, mas não sei como hei de dizer-to.

A Júlia lançou-lhe um olhar de desafio por entre as pestanas húmidas; a sua armadura estava de novo intacta.

— Sim, é normal que estejas preocupado. Vou fazer coisas que não vais aprovar.

Manteve a expressão provocadora enquanto o pai lhe sorria e lhe tocava no rosto molhado com o polegar, um gesto que não partilhavam há muito tempo.

— A sério, filha? Diz-me algo que eu ainda não saiba? Mas, por muito que te surpreenda, a minha angústia não tem que ver com aprovação, tem que ver com desejar que sejas feliz…

Ao notar que a Júlia elevava os cantos dos lábios ao mesmo tempo que o provocava, o juiz Henrique recordou a criança travessa e cheia de vida que ela fora.

— Então, não vais tentar demover-me? Seja o que for que eu queira fazer?

O pai abanou a cabeça num gesto de resignação, mas há muito tempo que não se sentia tão vivo.

— Não. Estou velho e tu só fazes o que queres desde que aprendeste a andar. Seria uma luta perdida e que só iria afastar-nos ainda mais. Declaro-me vencido à partida. Vou continuar a preocupar-me em silêncio, beber outro copo deste belíssimo vinho de Porto e repetir para mim próprio que és uma mulher inteligente e sabes o que é melhor para ti… — Encheu novamente o seu cálice e depois pegou no da Júlia. — Queres?

— Pode ser.

A Júlia bebericou um pequeno gole do néctar adocicado, contemplou as mesmas fotografias da sua infância em cima da lareira e soltou um suspiro longo, carregado de um ressentimento sem destinatário.

— Achas-me inteligente? — Ela esperou que o pai assentisse, convicto e de sobrolho franzido, recriminando-a por duvidar das suas qualidades. — Às vezes, parece-me que a inteligência é tão limitadora quanto a

falta dela. Obriga-te a avançares, a provares do que és capaz e aceitares uma data de responsabilidades que não queres. Sinto que poderia ter sido feliz se não tivesse ido para a universidade e trabalhasse noutra coisa qualquer… Lembras-te de quando eu não queria estudar no 10.º ano? Tu dizias-me que a mana iria ser médica e eu só iria arranjar emprego numa loja de roupa, para passar o dia a dobrar trapos…

O pai deu uma gargalhada sonora e capitulou.

— Ambos sabemos que não fui o mais encorajador dos pais nem o que sabia escolher melhor as palavras. Por favor, não me leves a mal contrariar-te, porque estou a adorar a tua franqueza e esta nossa conversa, mas eu diria que essas situações que te privam da felicidade não estão relacionadas com a inteligência. Estão relacionadas com a competitividade e o desejo de corresponder às expectativas. Do que eu me recordo, quando vivias comigo, não eram características tuas…

A Júlia mordeu os lábios antes de o questionar, esperando que ele fosse igualmente sincero na resposta.

— Antes de aquilo acontecer, não achas que poderias ser feliz se trabalhasses no campo? Em vez de teres todas as responsabilidades da vida de um juiz? Andavas sempre preocupado e cheio de trabalho, com stress por causa dos julgamentos e com dores de cabeça…

Obteve a sua resposta sem demoras nem hesitações.

— Não, filha. Eu queria ser exatamente o que fui. Não teria sido mais feliz a plantar batatas; essa coisa do amor e da cabana não é para mim. — Viu-a endurecer as feições e encarou-a, com uma expressão benevolente. — O que não significa que não seja para ti. Voltaste para vires dobrar trapos, filha? Eu apoio-te com a esperança secreta de que te fartes rapidamente, mas se não te fartares, tudo bem.

A Júlia não arriscou a verdade, porque aquela era a primeira conversa relevante que tinham na última década e iria estragar o momento.

— Não é bem dobrar trapos, mas não anda longe. Depois, conto-te.

O juiz aceitou a sua decisão de protelar a revelação e voltou ao assunto anterior.

— Eu usei mesmo essa escolha de palavras?! Dobrar trapos? Poderia desculpar-me e dizer que só queria um bom futuro para ti, mas não vou fazê-lo. Eu era demasiado rígido e não se devem fazer comparações entre irmãos.

Só aprendi isso mais tarde, nuns dos muitos livros de Psicologia para pais em dificuldades que comprei e que não me serviram de muito.

A Júlia não resistiu à oportunidade imperdível de realizar um dos seus desejos de adolescente. Lembrava-se das palavras exatas e pronunciou-as com requintes de malvadez.

— Eu não diria que eras rígido, eu diria que eras um *estuporzinho snob*.

O pai aceitou a crítica com elegância e *fair-play*.

— Na verdade, continuo a sê-lo. Até tremo só de imaginar no que vais meter-te, mas já aprendi a lição. — Sorriu com os olhos brilhantes e levantou o copo de cristal. — Um brinde a ti, minha filha, e a esse disparate que queres fazer, porque te trouxe até esta conversa onde desfizemos este grande mal-entendido, que era minha responsabilidade, e não tua. Vou esforçar-me por ser o menos estupor snob possível, na apreciação da tarefa a que pensas dedicar-te, em vez da tua promissora carreira como cirurgiã.

Partilharam uma gargalhada, sonora e reconfortante. Ainda havia um longo caminho a percorrer, mas o primeiro, improvável e difícil passo, acabara de ser dado.

FISHERMAN

SEXTA-FEIRA, 6 DE SETEMBRO DE 2013

Na manhã seguinte, a Júlia ficou impressionada ao entrar no Fisherman. O restaurante da moda que ocupava quase meio quarteirão da rua que saía da praça central tinha uma decoração cara e de bom gosto. Os tetos em ripas de madeira creme combinavam na perfeição com os motivos marítimos espalhados nas paredes, com as mesas pintadas de branco e os candeeiros de design, todos diferentes e em vários tons de cinzento.

Cumprimentou a gerente de sala, que conhecia bem por ter sido uma das primeiras empregadas dum pequeno bar na praia, chamado The One e que lhe dizia muito. Depois, perguntou pelo Mário Silva; tinha uma reunião marcada com o número dois do Grupo Nunes Lda., propriedade do empresário em ascensão, João Nunes.

A Susana levou-a até à zona dos escritórios e anunciou-a num tom constrangido, que combinava com a postura tensa do homem que a esperava e que não ocultou a estupefação ao vê-la entrar.

A Júlia saudou-o com um «Olá, Mário», confiante e natural, como se fosse uma visita habitual e não tivessem passado oito anos sem se verem.

A sua presença e, sobretudo, a atitude de aparente despreocupação deixaram-no incomodado e à defesa. Conhecia-a suficientemente bem para saber que significavam complicações. Esboçou um sorriso cordial e fez-lhe sinal para se sentar na cadeira à frente da sua secretária.

— O João não está. Foi à nossa *guest house* na Rua do Mar, resolver uns assuntos com o *outsourcing* que nos presta serviços de lavandaria.

A Júlia quase teve pena do que iria fazer-lhe ao mesmo tempo que lhe sorria; era engraçado vê-lo vestido com um fato caro, a usar lin-

guagem profissional com estrangeirismos e a esforçar-se por ocultar a ansiedade, que transparecia nas gotículas de suor por cima do lábio superior.

Excetuando essa reação ao stress, que era óbvia para quem o conhecia bem e difícil de disfarçar, ela notou que o Mário estava diferente. Não necessariamente para melhor, mas mudara.

Explicou-lhe que não queria falar com o João, mas com ele, daí ter-lhe solicitado a reunião. De facto, o melhor era que aquela conversa se mantivesse entre os dois, o máximo tempo possível, que por razões óbvias, não seria muito. A seguir, expôs com toda a calma as suas pretensões, enquanto ele abanava a cabeça, incrédulo com o que ela lhe propunha.

Quando a Júlia acabou de falar, o Mário estava encurralado e tentou de tudo para a demover.

— O The One não tem nada que ver com o bar que conheceste, foi definhando com o passar dos anos. Parece que o Johnny fez de propósito para que isso acontecesse, quando decidiu só abrir das dez às seis para servir refeições ligeiras. O The One deixou de ser o *spot* mais *in* da malta nova há algum tempo. Agora, só lá vão reformados para tomar o pequeno-almoço e algum pessoal que anda a passear pela praia, para comer uma tosta ou beber um café.

A Júlia encolheu os ombros, num gesto demonstrativo de que lhe era indiferente a idade da clientela ou a popularidade do The One, mas o Mário insistiu em convencê-la a desistir daquela ideia.

— Às vezes, até desconfio que o Johnny só o mantém para lá ir de vez em quando tomar o pequeno-almoço. Já falei com ele sobre o facto de não estarmos a aproveitar as potencialidades da localização, mas ele não me liga nenhuma. Não quer renovar, rentabilizar nem vender. Nem parece dele, que só pensa em lucro e negócios. Está cada vez mais teimoso e não ouve ninguém…

A Júlia não queria continuar a ouvir os argumentos do Mário, sobretudo porque ele os enumerava num tom queixoso que começava a enervá-la.

— Esse horário das dez às seis é ideal para mim, porque posso ir todos os dias levar a Sarinha à escola. Quando é que começo?

O seu velho amigo apoiou os cotovelos na secretária e escondeu a cara nas mãos. Respirou várias vezes para ganhar coragem, até que a enfrentou com seriedade:

— Júlia, peço-te por tudo que não me faças isto. Eu conheço muita gente, deixa-me cobrar favores. Vou arranjar-te trabalho num restaurante, se é isso que agora decidiste fazer. Arranjo-te emprego num restaurante espetacular, ao lado da escola da tua filha e onde podem dar-te o horário que te for mais conveniente…

A Júlia semicerrou os olhos verdes num trejeito ameaçador, ao mesmo tempo que o avaliava. O Mário estava com medo das consequências de lhe fazer a vontade. Precisava que ele tivesse ainda mais medo das consequências de não o fazer.

— Eu não quero arranjar emprego num restaurante espetacular. Quero o The One e tu vais tratar-me disso, porque mo deves. — Fez uma pausa e fingiu apreciar os móveis do escritório espaçoso do braço-direito do João Nunes. Um homem de negócios de origens humildes e com um pequeno império hoteleiro em crescimento, que entre restaurantes, um bar e duas *guest houses*, devia empregar cerca de cem pessoas. — Sem mim, era provável que nada disto existisse. Tu sabes que é verdade. E o João, sabe?

Viu-o contrair o rosto com uma expressão angustiada e pensou que talvez não precisasse de ter ido tão longe.

— Vais contar-lhe?

O prazer da vitória e de imaginar-se a entrar outra vez no The One fizeram-na sorrir.

Ele iria ceder e ela poderia voltar para onde fora feliz. O ditado popular dizia que não se devia fazê-lo, mas desde cedo que a Júlia seguia apenas as suas próprias regras e as de mais ninguém.

Recordou-se da frase que era tanto um mantra que a fortalecia, como uma fonte de amargura. «Nós somos de outro planeta.»

— Claro que não vou contar-lhe, Mário. Vai continuar a ser um segredo nosso.

O homem à sua frente encarou-a com uma expressão suplicante.

— Não lhe contes sem me avisar primeiro, Júlia. Promete-me que, se quiseres contar-lhe, o faremos juntos e ao mesmo tempo.

A Júlia fez uma careta e interpelou-o num tom de gozo:

— Estás com medo do teu melhor amigo?

Ele expirou num trejeito descontente e ela soube que estava muito nervoso, porque além das gotículas de suor acumuladas sobre o lábio superior e nas têmporas, o pestanejar demasiado rápido também o denunciava. Afinal, o Mário não estava assim tão diferente…

— Não é medo! Sei lá, se calhar até é! — Ele encolheu os ombros antes de continuar, menos revoltado e mais infeliz: — O Johnny mudou muito desde que te foste embora. Ficou cada vez mais frio e com pior feitio. Há alturas em que é tão calculista que nem o reconheço. Tirando alguns dias cada vez mais raros em que brinca e nos divertimos como antigamente, na maioria das vezes parece de pedra, um filho da mãe que só pensa em dinheiro. Ele já não tem nada que ver com o Johnny com quem namoraste. Esse tipo já não existe. Se vieste à procura dele, garanto-te, com muita pena minha, que não vais encontrá-lo. Volta para o teu marido e a tua vida boa em Lisboa, é o melhor que podes fazer. Acredita em mim, estou a dizer-te isto como teu amigo e para o teu bem.

A Júlia achou que ele estava a ser sincero quando pronunciou a palavra «amigo», pelo que retribuiu a honestidade e se atreveu à pergunta que prometera a si própria não formular:

— Eu não me sentia feliz nessa vida boa. Então, e ele não tem nenhuma mulher que lhe acalme o mau feitio?

O Mário lançou-lhe um olhar desanimado e satisfez-lhe a curiosidade num tom reprovador:

— Teve uma ou outra, de vez em quando, mas sem qualquer efeito no seu mau feitio. Acredita no que te digo, o Johnny transformou-se num gajo que só pensa em lucros e expansão, como se precisasse de conquistar o mundo para provar alguma coisa a alguém! E o The One é uma sombra do que já foi. Vais ter a maior desilusão da tua vida quando lá entrares…

Ela impediu que a respiração se acelerasse, fitou-o com uma expressão neutra e falou-lhe com firmeza:

— Fica descansado. A maior desilusão da minha vida já aconteceu e tu estavas lá, mas o The One não tem culpa e é precioso para mim.

Tu sabes até que ponto. Não contaste nada ao João há oito anos, não precisas de lhe contar nada agora também. Pode ser que ele ande entretido com os *outsourcings* das *guest houses* e nem dê por mim.

O Mário limpou o suor da cara e desistiu de a demover; também a conhecia bem e sabia que aquela mulher era uma adversária que não poderia vencer.

— Podes começar na segunda-feira. O João vai comer-me vivo e tu estás a chantagear-me. O que aconteceu aqui foi uma chantagem, sem tirar nem pôr! No fundo, és tão filha da mãe como ele. Já me tinha esquecido de como vocês são parecidos…

Ela não se ofendeu com as acusações; se pensasse no assunto, até lhe agradavam.

— Claro que somos parecidos. Só que, como ele é homem, quer expandir os negócios e conquistar o mundo, e eu, como sou mulher, sou uma cabra maléfica.

Quando acabou de dizer «maléfica», mostrou os dentes e transformou as mãos em garras como se fosse uma bruxa, o que fez o Mário rir-se e recordar-se do quanto gostava dela.

— Não disse que eras uma cabra maléfica, mas não venhas armar-te em santa comigo. Nunca vou esquecer-me de que me bateste com um ramo de borracheira e que partiste duas costelas àquele merdoso do Inácio.

Ela revirou os olhos, mas não quis mentir-lhe dizendo que lamentava as ações a que ele se referia e deixou-o continuar…

— Não estou a dizer que vocês sejam só maus, vocês também são bons. São as duas coisas, como se fossem duas faces opostas da mesma moeda.

A Júlia levantou-se, contornou a secretária e deu-lhe um abraço que encerrava a conversa. O Mário correspondeu de imediato, envolveu-a nos seus braços fortes e recriminou-a num misto de comoção e divertimento:

— Tive saudades tuas, *Julie Blue*. Espero que saibas que, se ele me matar, vais ficar com a minha morte na tua consciência…

Ela afastou-se para conseguir respirar e deu uma pequena gargalhada.

— Eu sou uma cabra maléfica sem consciência, lembras-te? — Compadeceu-se da careta sofrida do amigo e continuou num tom animador: — Ele não vai matar-te, Mário. Não é tão terrível como parece.

O Mário agarrou-a pelos ombros, para a fitar muito sério.

— Agora é. Promete-me que falas primeiro comigo se decidires contar-lhe.

Depois de ela lhe prometer que o faria, o Mário recordou-se de que a *Julie Blue* não faltava à sua palavra; sentiu-se mais aliviado e deixou-se levar pelas memórias felizes que ela lhe evocava.

— Farto-me de me lembrar do início do The One, Júlia. Naquela altura, não era só fazer dinheiro: nós curtíamos à grande!

Ela assentiu, ao mesmo tempo que era invadida por uma onda de nostalgia que lhe pesava no peito e lhe humedecia os olhos.

— Sim, era até de manhã…

Ao recordarem a inauguração e os tempos áureos do primeiro bar do João Nunes, deixaram de ser a médica que regressara à cidade e o número dois do Grupo Nunes, voltaram a ser a *Julie Blue* e o Marinho do bairro dos pescadores. Havia um segredo, mas também um elo fraterno que os unia. Um elo forte que o fez perdoar-lhe a chantagem, oferecer-lhe a sua cadeira e sentar-se na secretária à sua frente, a balançar os pés como o miúdo despreocupado que já fora.

— Lembras-te daquela Festa de Branco que organizaste? Adorei essa festa…

Ela assentiu. Lembrava-se muito bem dessa noite memorável; ela e o João tinham expulsado clientes para a esplanada às seis da manhã, para poderem fechar as portadas e ir dormir…

O rosto do Mário iluminou-se com um sorriso rasgado.

— Foi brutal! Eu abri garrafas de champanhe umas atrás das outras e desatei a molhar toda a gente!

Ela franziu-lhe o sobrolho e deu-lhe uma palmada no joelho.

— Sim, porque querias transformar a minha Festa de Branco num concurso de *Miss T-Shirt* molhada!

Ele fez um esgar comprometido que lembrava o de um miúdo apanhado a roubar doces…

— Pois foi, mas o Johnny autorizou-me… — Interrompeu-se para espetar o indicador no ar com uma expressão de malandro. — … depois de me avisar que, se te acertasse com uma gota de champanhe, me enfiava a garrafa pelo cu acima!

Ainda estavam a rir-se das peripécias da Festa de Branco, quando bateram à porta e se ouviu uma voz feminina. Uma mulher de cabelos castanhos lisos, calças beges e blusa de linho perguntou se podia entrar. O Mário chamou-a e apresentou a Eunice, sua secretária e do João. Perguntou-lhe se conhecia a Júlia e ela elucidou-os enquanto se aproximava.

— Claro, é a filha do juiz Henrique Machado.

A Júlia também se lembrava da Eunice, era amiga da Selma, a sua *inimiga de estimação* quando ambas frequentavam o 12.° ano. Ao contrário da Selma, a Eunice parecia-lhe boa pessoa e tranquila, mas não tranquila o suficiente para resistir aos «apetites» do Johnny Nunes nos seus tempos áureos…

— Eu também me lembro de ti, Eunice. Eras amiga da Selma da minha turma e andavas em Economia, não era?

A Eunice concordou com um sorriso simpático. O Mário retirou-lhe os papéis que trazia na mão para serem assinados e pousou-os ao lado do computador.

— É uma máquina, a nossa Eunice! Antes de vir trabalhar para nós, há quatro anos, estava a trabalhar numa clínica veterinária em Setúbal. Ter lidado com cavalos foi uma ótima experiência profissional para conseguir aturar o João.

A Eunice divertiu-se com a comparação, mas esboçou um gesto de desaprovação e saiu logo a seguir, para tratar de mais papelada pendente e deixá-los a pôr a conversa em dia, o que eles fizeram durante mais de uma hora, até a Júlia se lembrar de que prometera levar a filha à nova escola antes da hora de almoço.

Segunda-feira seria o início de uma vida nova para as duas.

— Boa sorte, *Julie Blue*. Se alguém consegue domar aquele animal, és tu.

Ela olhou-o com uma expressão indecifrável.

— Há animais que não vale a pena domar. Mais vale deixá-los serem como são.

THE ONE

QUINTA-FEIRA, 12 DE SETEMBRO DE 2013

Era notório que o pai ficara contrariado com a sua decisão, mas só lhe dissera uma única frase, com uma expressão de arrependimento que não fazia sentido e que a deixara desconcertada.

— Pensava que o tinhas esquecido.

Viu-o pela primeira vez no seu quarto dia de trabalho.

Eram dez e meia da manhã quando ele abriu a porta da esplanada. A Júlia reconheceu imediatamente a sua silhueta e o seu porte determinado ao caminhar. Parecia demasiado sério, com uma expressão fria e fechada que a oprimiram por dentro.

No momento em que ele entrou, ela baixou-se e escondeu-se atrás da máquina de café, numa reação instintiva de fuga que não controlou, irracional e absurda.

Por breves instantes, ponderou esgueirar-se para o corredor e depois até à porta das traseiras, porque talvez ainda não tivesse chegado a altura certa para se encontrar com aquela nova versão do João Nunes.

Ele pressentiu algo que o fez ficar alerta por breves instantes, percorreu a sala com o olhar e viu apenas a Ana, que caminhava ao seu encontro. Não gostava especialmente da miúda, porque era demasiado faladora e desatenta, mas não era motivo para aquela impressão estranha de se sentir ameaçado.

Cumprimentou-a, pediu-lhe uma torrada e um café duplo, e sentou-se na sua mesa habitual, ao pé das vidraças que davam para a esplanada e para a praia. Virou-se de costas para o balcão e abriu o seu *Jornal de Notícias*.

A Júlia respirou fundo e levantou-se. Ele era duro, mas ela também era rija. Repetiu-o para si própria várias vezes, para não fraquejar e ceder à tentação de voltar a esconder-se como um rato. Ficou estática, com os olhos fixos nas suas costas e na sua nuca, a vê-lo ler o jornal enquanto tirava o café para fazer a meia de leite da Sra. Aurora, uma septuagenária que estava na mesa mais próxima do balcão.

Ele sentiu-o, porque se virou no exato momento em que o coração da Júlia deixou de bater e o tempo parou, para os deixar presos naquele instante doloroso e magnífico em que apenas se olhavam, sozinhos no Universo.

A Ana gritou-lhe que o café estava a transbordar da chávena, mas a Júlia não a ouvia, só conseguia tomar atenção ao facto de que ele se levantava e se dirigia para ela. Quando os seus rostos quase se tocaram, ergueu a face na sua direção, para se deixar hipnotizar pelos olhos azuis que a devoravam.

Estava tão perdida naquele olhar cristalino que nem reparou que ele levantava a mão direita, até sentir que a pousava no seu ombro e, a seguir, lhe afastava os cabelos curtos para expor a sua orelha esquerda. A orelha que mais ninguém tinha assim, deformada e única.

Os movimentos do João Nunes costumavam ser ágeis e decididos, mas aquele foi um gesto desajeitado, que condizia com a sua extrema perplexidade. Tocou-lhe na parte reconstruída para ter a certeza de que era ela; precisava da confirmação de que era real o rosto à sua frente. Os cabelos louros pareceram-lhe mais curtos e faltava-lhes a madeixa azul, mas eram os cabelos cor de areia de que se lembrava e também a sua orelha deformada…

Na verdade, a sua intuição soubera que era ela na milésima de segundo que precedeu o instante em que se virou, mas aquele ritual permitia-lhe aceitar aquela improbabilidade como real.

Os rumores, que ele fingira não ouvir, estavam certos. Ela voltara para Almira e iria ficar.

Primeiro, sentiu uma vontade quase irreprimível de a apertar contra si, com muita força e até a magoar, mas depois lembrou-se do que ela fizera.

Recompôs-se, retirou embaraçado a mão da sua orelha e falou-lhe num tom hostil:

— O que é que estás aqui a fazer?

A Ana tinha vinte e um anos, estava na cidade há pouco tempo, não conhecia o passado dos dois e foi por isso que interveio, numa tentativa de amenizar a atitude estranha do patrão.

— João, esta é a Júlia. Está aqui a trabalhar desde…

O João interrompeu-a com rudeza, sem deixar de fitar por um instante a mulher à sua frente:

— Cala-te, Ana. Eu sei quem ela é. O que é que estás aqui a fazer?

A Júlia respondeu-lhe como se não estivesse intimidada até ao tutano, com o coração a martelar-lhe os ouvidos e as pernas a tremerem.

— Estou a fazer a meia de leite da Sra. Aurora.

Assim que acabou de falar, viu as narinas do rosto que conhecia de cor dilatarem-se e sentiu-se fulminada pelos seus olhos, carregados de uma frieza que era nova, mas manteve-se firme e sem desviar o olhar. Ela aguentaria o tempo que fosse preciso. Passara muito tempo sem vê-lo e poderia ficar uma eternidade a contemplar aquele rosto sem se cansar.

— Anda comigo.

Ele falou secamente e fez-lhe sinal para o acompanhar. Sob o olhar atónito da Ana, saíram de trás do balcão e encaminharam-se para a sala dos arrumos e das arcas frigoríficas. Assim que entraram, o João fechou a porta e encarou-a com um semblante castigador.

— Vou perguntar pela terceira vez e espero que me respondas. O que é que estás aqui a fazer?

A postura arrogante com que ele a maltratava fez com que a Júlia perdesse a vontade de o contemplar. Franziu-lhe o sobrolho e cruzou os braços num gesto de desafio.

— Olá, João.

Ele pensou que era incrível como ela continuava igual: não dava parte fraca nem perdera o dom de o tirar do sério. Reconheceu-o interiormente, mas não o deixou transparecer; nunca mais iria demonstrar fraqueza ao pé daquela mulher.

Falou-lhe mais baixo e sem qualquer emoção.

— Olá, Júlia. Pela quarta vez, o que é que estás aqui a fazer?

Ela retribuiu no mesmo registo:

— Trabalho aqui. Falei com o meu amigo Mário e ele arranjou-me este emprego.

Ele engoliu em seco, respirou fundo e esforçou-se por manter a calma, ao mesmo tempo que imaginava como faria o Mário pagar muito caro por aquela traição.

— Ele arranjou-te este emprego porquê? Tu és médica e moras em Lisboa…

Ela também se esforçou por manter a calma.

— Tirei uma licença sem vencimento durante um ano, vim morar para casa do meu pai e…

Ele desistiu de ocultar a sua perturbação e interrompeu-a asperamente:

— E o teu marido?

— Deixei-o.

— Porquê?

A Júlia fraquejou e sentiu dificuldade em respirar. Ficaram em silêncio até ela conseguir encher o peito de ar, lembrar-se da promessa de lhe dizer sempre a verdade e responder com a voz quase a falhar.

— Porque não o amo.

O João fez-lhe um esgar de desprezo e falou-lhe num tom a condizer:

— Ele tratou-te mal, foi?

A Júlia fixou os seus olhos azuis gelados e levantou o queixo.

— Não. Ele tratou-me sempre bem.

— Então, porque deixaste de o amar?

A forma trocista e carregada de sarcasmo com que ele disse a palavra «amar» encheu-a de mágoa, mas respondeu a verdade:

— Nunca o amei.

O João abandonou a ironia para ser também absolutamente sincero:

— Claro que não. Nem a ele nem a ninguém.

Fê-lo num tom ressentido e com um semblante tão transtornado que a deixaram sem reação. Ele ia acrescentar algo, mas depois passou a mão pela nuca como se tentasse conter-se e anunciou que se ia embora.

A Júlia ficou onde estava e a Ana tentou intercetá-lo a meio do bar, mas ele evitou-a e saiu quase a correr, enquanto lhe dizia que afinal não tinha tempo para tomar o pequeno-almoço.